

O ESPAÇO EM BRANCO COMO LUGAR FORMATIVO OU ENTRE-LUGARES DA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS: SOBREJUSTAPOSIÇÕES, DESVIOS E TERRITORIALIDADES

Cristian Poletti Mossi - UFSM

Marilda Oliveira de Oliveira - UFSM

Resumo

Este artigo deriva da experiência do autor enquanto pesquisador nos campos artístico e da formação inicial em artes visuais. A partir dessa trajetória são lançados três fragmentos contendo textos e imagens no intuito de provocar um possível exercício do pensamento levando em conta o que é problematizado ao longo do trabalho de formação a partir de sobrejustaposições, desvios e territorialidades.

Palavras-chave: Entre-lugar; Formação docente; Sobrejustaposição; Desvio; Territorialidade.

Abstract

This article derives from the author's experience as a researcher in the fields of art and training in visual arts. From this trajectory are released three fragments containing texts and images in order to provoke a possible exercise of thought, taking into account what is questioned throughout the training work from over-juxtapose, deviations and territoriality.

Key words: *between-place; teacher education; over-juxtapose; deviation; territoriality.*

Breve prelúdio sobre o branco do papel e as incompletudes

Tenho pensado que o mais interessante de um texto não está na sua estrutura metodológica, ou nos conceitos e definições que ele traz em seu bojo teórico. Tampouco em seu aprimoramento lingüístico. Está sim nas margens brancas que o circundam. É ali o lugar das entrelinhas, dos tensionamentos, dos entre-lugares, das relações que fazemos com outros textos já lidos e dos espaços que deixamos em branco para outros tantos que leremos no futuro. É o lugar dos rabiscos, das rasuras, dos emaranhados que vamos tecendo em flechas e entrecruzamentos, ao longo de nossa construção enquanto subjetividades negociáveis e constantemente em processo de formação.

Nesse sentido, poderíamos dizer que um texto nunca acaba de ser escrito. Assim como uma pintura nunca acaba de ser pintada, uma música de ser composta, uma fotografia de ser capturada ou um movimento de dança acaba de se inventar no tempo. Todas essas construções, além de muitas outras, são circunscritas por margens (brancas?) que deixam espaço para o devir-ler, o devir-ver, o devir-ouvir, o devir-sentir, o devir-pensar. Dar a ler um texto, uma imagem, um compasso, um ato, um passo de dança, é oferecer um convite, uma experiência que nos marca de algum modo e assim nos constrói, traça negociações entre o que acabamos de ser e o que (por pouco tempo, eu diria) agora somos.

Ser artista, ser professor, ser historiador/teórico/crítico do campo das artes visuais, ser quem quer que seja, também é estar circunscrito em margens com espaçamentos diversos para devires possíveis.

Este texto nasce em meio a essas margens. Do tensionamento em um possível entre-lugar, de um rabisco no branco que circunscribe minha experiência enquanto historiador/teórico/crítico e professor do campo da formação docente em artes visuais. Pretendo aqui, além de rememorar os vacúolos de tal vivência transitando pelo espaço já rasurado, provocar nele outras tantas camadas e emaranhados de traços, lançar possibilidades para investimentos futuros que dialogam com ambos os campos, contaminando-os.

Sobre o devir-escrita deste texto *ou* um rabisco no branco e o branco como entre-lugar

Mais precisamente em março do ano de 2009, ingressei como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na linha de pesquisa Arte e Cultura, sob orientação da Professora Dra. Marilda Oliveira de Oliveira, com um trabalho no campo da História, Teoria e Crítica de Arte. Neste, propunha-me a pensar entrelaçamentos a partir de duas obras das artistas contemporâneas Claudia Casarino e Vanessa Beecroft, as quais trazem respectivamente vestes sem corpos e corpos sem vestes na poética de seus trabalhos. Nesta proposta era caro a mim discutir, a partir das vestes, corpos e de suas respectivas ausências e presenças, os conceitos de *territorialidade* (entendendo o corpo e as vestes como tais), bem como pensar as possibilidades de

imbricamento entre as poéticas das artistas citadas, o que chamei em minha dissertação¹ de *sobrejustaposição*². Durante este trabalho, produzi um diário visual baseado no conceito de *diagrama*³ trazido por Basbaum (2007), o qual fazia uso de palavras e imagens para propor conotações pessoais acerca das temáticas utilizadas pelas artistas e das obras propostas.

Em setembro do mesmo ano, fui aprovado como professor substituto do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) dessa mesma instituição, onde trabalhei basicamente com formação inicial de professores da área das licenciaturas em artes visuais, pedagogia e educação especial.

Foi inevitável durante tal experiência, trazer conceitos que estava pensando durante a construção de minha dissertação para minha prática na formação docente em artes visuais e, do mesmo modo e como um contraponto, pensar as imagens das obras que estava problematizando em meu trabalho de mestrado com um olhar proveniente de minha vivência enquanto professor. Ou seja, na primeira discutia a ausência e a presença do corpo e sua relação com as vestes (do mesmo modo, ausentes e presentes) na poética das obras já mencionadas, produzindo assim um discurso legitimador das mesmas. O que fazia em sala de aula também envolvia corpos que se propunham a um devir-ser professor. Eram corpos conformando-se a partir de práticas e dispositivos específicos lançados por mim e, para tanto, havia de produzir discursos específicos com relação ao campo da docência em artes visuais.

A partir do exposto posso afirmar que, trabalhando entre os campos da história/teoria/crítica e da educação das artes visuais (formação docente), constituí um *desvio* em minha formação. Produzi possibilidades alternativas de caminhos que me fizeram vivenciar tal experiência de um modo muito específico, que não hierarquiza uma área com relação à outra, mas vê possibilidades nas contaminações *entre* as mesmas. Algo como um rabisco no branco às margens do texto que liga conceitos, ou o espaço em branco como entre-lugar formativo.

Hoje, no Brasil, nós podemos perceber, entre outras, três vertentes de produção/pesquisa que se afirmam cientificamente no campo das artes visuais e que, poderíamos dizer, se retroalimentam. São elas:

- A produção de objetos e/ou ações legitimadas no campo artístico enquanto 'arte', ao mesmo tempo e com a mesma intensidade que se produz sua reflexão teórica. Vertente encaminhada por artistas, coletivos de artistas e demais profissionais que têm seu trabalho legitimado. Tal instância produtiva vincula-se ao fazer, ou seja, às linguagens, técnicas, processos e meios (materiais e imateriais) possíveis para a *corporificação* da obra/ação artística e às suas possíveis hibridações. Ocorre basicamente nos nichos de produção artística, ou seja, ateliês, espaço público, web, entre outros.

- A manipulação e produção de conceitos oriundos de diversas áreas do saber a fim de refletir discursivamente sobre as obras produzidas na primeira instância citada. Esta vertente é encabeçada especialmente por críticos, historiadores, filósofos, jornalistas, curadores, os próprios artistas, entre outros profissionais que se ocupam dessa teorização. Vincula-se às possibilidades de produção discursiva (verbais/visuais), mas também à circulação e até a aderência desses discursos pelo público. Advém dos nichos de apresentação e discussão da produção artística como museus, galerias, universidades, web, grandes exposições, entre outros.

- E, em terceiro lugar e não menos importante, a instância que se apropria e/ou desenvolve ações oriundas das duas possibilidades citadas acima, a fim de propor a problematização da arte em espaços educativos formais e não-formais, bem como a formação de profissionais docentes/pesquisadores de sua própria prática pedagógica. A meu ver, tal instância contribui, tanto quanto o campo da história/teoria/crítica de arte, para a produção, legitimação e aderência de discursos acerca da arte e do que é pensado enquanto tal. Observando o contexto contemporâneo e as possibilidades do que chamamos hoje de 'produção', percebemos que profissionais tais como professores, oficinairos, curadores pedagógicos, entre outros que orientam tal prática, não podem ser apenas *médiuns* da produção *em* e *sobre* arte, mas sim criar tensionamentos, cruzamentos, inter-relações em meio às mesmas e suas próprias ações.

Assim, podemos dizer que, cada uma destas instâncias constitui *territorialidades* – aqui propostas enquanto espaçamentos que formulam determinados elementos característicos os quais constituem um campo de tensões e atuação que pode ser constantemente alterado, negociado e modificado – onde se torna praticamente

impossível definir onde começa uma e termina outra. Do mesmo modo, podemos dizer que são inúmeras as *sobrejustaposições* – entendidas enquanto a articulação, ou o agenciamento de referências diversas para dar a ver ações e discursos de múltiplas naturezas – produzidas por entre as vias de trabalho citadas. Os *desvios*, por sua vez – pensados enquanto invenções de caminhos possíveis para chegar a algum objetivo específico (no caso aqui falamos da formação docente em artes visuais na interface história/teoria/crítica e educação das artes visuais), são propostos no próprio trânsito por entre *territorialidades* e *sobrejustaposições*.

Tendo em vista tais lugares de fala, este texto estará, a partir daqui, construído em forma de três pequenos fragmentos – Deleuze (1996) talvez diria rizomaticamente –, cada um com uma temática específica, os quais podem ser lidos em qualquer ordem e pretendem lançar algumas problematizações iniciais acerca da formação docente enquanto produção de *territorialidades*, compilamento de *sobrejustaposições* e percurso de *desvios*.

Alojar-se por entre camadas e brechas – desejos e agenciamentos: as *sobrejustaposições* formativas



Figura 1: Fotografia – arquivo pessoal do autor – ano: 2009.

“Onde passa meu desejo entre os mil crânios, os mil ossos? Onde passa meu desejo na matilha? Qual é minha posição na matilha? Sou exterior à matilha? Estou ao lado, dentro, no centro dela? Tudo isso são fenômenos de desejo. É isso o desejo.”

“(...) desejar é delirar, (...)”

(DELEUZE, 1988/1989 – ABCDeleuze)

De que modo podemos pensar nossa formação subjetiva, bem como as práticas (e o resultado das mesmas) nesse processo, enquanto grandes paisagens formuladas a partir de elementos distintos, de diversas naturezas e oriundos de diversos lugares, os quais modificam-se constantemente e são combinados dentro de uma lógica interna?

Aqui, proponho que pensemos o processo de subjetivação, especialmente no que ela concerne com a formação docente, enquanto procedimento – e resultado – de contínuas *sobrejustaposições*. *Sobrejustaposições* enquanto efeitos e processos desejantes de agenciamentos múltiplos. *Sobrejustaposições* enquanto delírios. Desejar sobrepor e justapor, ao mesmo tempo, no mesmo ato e com a mesma intensidade, elementos oriundos de múltiplos estados. Imagens que nos afetam, acontecimentos, encontros/desencontros, saberes, discursos, entre outros, e assim deixá-los transbordar em nosso corpo, em nossas práticas. Alojá-los.

Delineando a *sobrejustaposição* enquanto ato e efeito do desejo e do agenciamento, compactuo com Deleuze e Guattari (1996) quando colocam o desejo não enquanto falta (como na perspectiva psicanalítica), mas como possibilidade produtora de um arranjo que foge às regras orgânicas, ou ainda enquanto corpo sem órgãos (CsO).

Porque o CsO é tudo isso: necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmentos de tudo isto, porque não existe “meu” corpo sem órgãos, mas “eu” sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares) (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.24)

Ainda nessa perspectiva, Silva (2000) comenta que o termo ‘agenciamento’

é utilizado para significar qualquer combinação ou ligação dispare – sem qualquer hierarquia ou organização centralizada – de elementos, fragmentos ou fluxos das mais variadas e diferentes naturezas: ideias, enunciados, coisas, pessoas, corpos, instituições.

Assim, proponho pensarmos as *sobrejustaposições* enquanto a imagem de uma superfície forrada por papéis (impressos de imagens e palavras), molhados, os quais criam rasgos, fissuras, camadas de visualidades que potencializam uma grande variedade de elementos sobrejustapostos, oferecendo-nos múltiplos signos que

formulam em si um universo íntimo. Ressoa aos nossos sentidos por outros significados que não os mesmos de quando os papéis estavam secos, organizados, separados, empilhados esperando leitores atentos a mensagens de via e direcionamento únicos.

Agora os papéis não são mensagens a serem lidas, mas enunciados a serem experienciados. Uma eterna colagem a ser refeita, negociada, compilada. Um delírio que cria infindas possibilidades de rever-se de outro lugar.

Inventar *desvios*, praticar resistências



Figura 2: Fotografia – arquivo pessoal do autor. – ano: 2010

“Criar é resistir...”

“(...) um personagem de romance (...) É uma espécie de gigante. (...) uma exageração da vida. Não é uma exageração da arte. A arte é a produção dessas exagerações. Só a sua existência já é uma resistência.”

(DELEUZE, 1988/1989 – ABCDeleuze)

Como podemos pensar nossos percursos formativos subjetivos enquanto invenções de caminhos possíveis? Caminhos não necessariamente mais facilitados, tampouco menos íngremes ou menos perigosos, mas caminhos alternativos que produzem experiências e que, por sua vez, produzem sujeitos, corpos, produzem modos de ser, oferecem elementos para a compilação das mais variadas *sobrejustaposições*.

Nesse sentido, se estamos pensando o caminho enquanto uma forma de *poder* nos termos foucaultianos (SILVA, 2000), consideramos também que tal caminho produz certos tipos de *conformações* e *saberes* e que, por sua vez, *não é único*, nem existe sem possibilidades de *resistências* ou *desvios*. Desvios enquanto invenções.

Desvios são caminhos à espreita de possíveis andantes, caminhos que se contrapõem e se atravessam à regra usual e, desse modo, podem ser pensados enquanto resistências. São viabilidades de percurso que se interpõe ao trajeto cursado permanentemente. É um recurso, uma opção dentre tantas muitas.

Aqui, proponho a formação docente enquanto caminho que conforma certos tipos de corpos e possibilidades, mas que não são necessariamente únicos e irrevogavelmente formativos, tampouco não permitem o atravessamento de outros tipos de saberes (a não ser os curriculares/disciplinares). Proponho pensarmos em uma formação repleta de desvios, e que tais deslocamentos produzam uma formação experimental e intransferível.

Desterritorializar-se para subjetivar-se *ou* a vida como eterno rascunho: as territorialidades

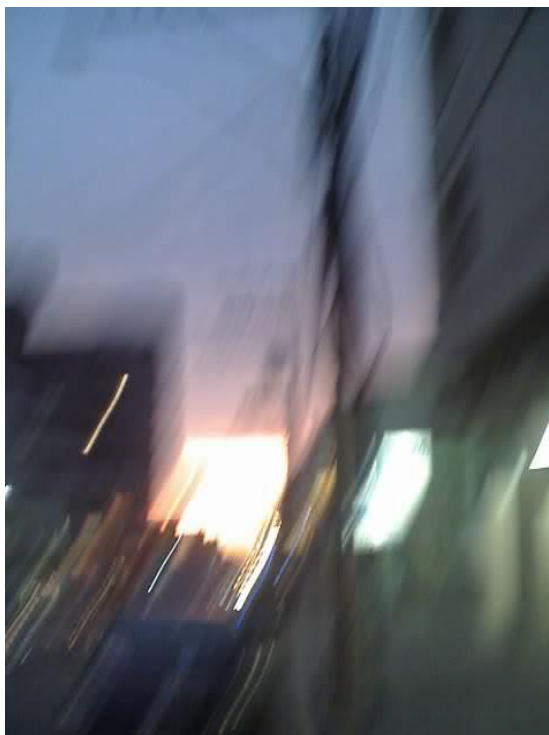


Figura 3: Fotografia – arquivo pessoal do autor – ano: 2009.

“O território é o domínio do ter.”

“ (...) não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte.”

(DELEUZE, 1988/1989 – ABCDeleuze)

Que tipos de territorialidades são expressas por nossos percursos formativos? Ou ainda, que fronteiras negociamos ao contornar-nos, ainda que provisoriamente? Como pensar nossa existência, nossa formação e nosso devir-ser como um rascunho eterno, como um movimento de ir e vir que produz nosso corpo e assim diferentes territórios?

Aqui, estamos pensando o processo formativo enquanto um tipo de conformação corpórea, e assim, nos termos de Augé (1994) pensamos o próprio corpo enquanto porção de território. Desse modo, também podemos propor a formação docente enquanto territorialidade, ou ainda, movimento de desterritorialização para reterritorializar-se.

Quando nos desterritorializamos, estilhaçamos nossos contornos para constituir outros. O território pode ser analisado enquanto espaço no tempo não estanque que engloba tensões internas múltiplas e oferece contornos os quais estão em autoformação constante, tal qual a própria subjetividade.

O movimento de desterritorialização é sempre imposto por um dispositivo, interno ou externo, de qualquer natureza... E que por sua vez dispara movimentações e sempre novas conformações.

¹ Dissertação intitulada ‘Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte – suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes’, concluída e defendida em março de 2010.

² Conceito-palavra construído a partir da licença poética resultante da união das palavras sobreposição e justaposição.

³ Diagrama enquanto “um tipo de esquema visual” que “sempre junta palavras e imagens, utilizando recursos gráficos para criar um dispositivo visual”. Basbaum (2007, p.61) infere que “toda vez que o espectador é capturado pelo trabalho em um campo de intensidades, um diagrama pode ser traçado/desenhado, materializando este processo, este devir (...). Assim, diagramas desempenham o importante papel de conectar, mediar, relacionar, associar – não de um modo passivo (...) mas de uma forma dinâmica e ativa (...) – matérias que se revestem de heterogeneidade, indicando e construindo regiões de contato”.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Cristian Poletti Mossi

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM). Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) com bolsa CAPES/Reuni integral, Especialista em Design para Estamparia, Bacharel e Licenciado em Desenho e Plástica por essa mesma instituição. Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAC).

Marilda Oliveira de Oliveira

Professora do Programa de Pós Graduação Educação (PPGE/CE/UFSM). Doutora em História da Arte (1995) e Mestre em Antropologia Social (1990), ambos pela Universidad de Barcelona – Espanha. Coordenadora do GEPAC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura – Diretório CNPq. Representante da ANPAP no RS e Editora da Revista Digital do LAV.